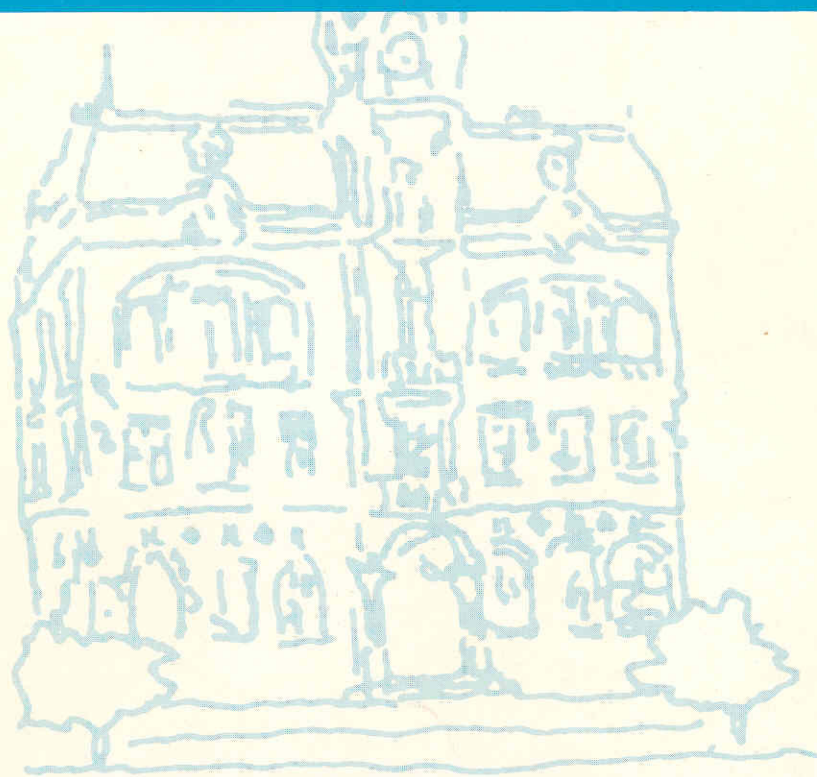




1876

Museu Paranaense

COMO MONTAR UM MUSEU



PLANEJAMENTO DE EXPOSIÇÕES

INTRODUÇÃO

O conceito de EXPOSIÇÃO, bem como o de MUSEU vem evoluindo e assumindo nova dimensão, não se restringindo apenas a mostra e depósito de objetos, mas adquirindo um caráter de divulgação do patrimônio histórico-cultural e científico dentro do processo evolutivo da sociedade.

Museu, atualmente, pode ser definido como uma instituição responsável pela guarda, preservação, conservação, pesquisa e divulgação de determinado acervo, sempre tendo em vista seu papel educativo.

Utilizando recursos técnicos e estéticos, uma exposição deve ser montada de forma que os objetos que a compõem sejam apreendidos e compreendidos universalmente.

A forma de concepção de uma exposição é bastante variada; o tema a ser abordado pode ser orientado por fatores tais como:

1. cronologia — época ou período determinado, sendo sequencial ou não. Ex: Sala do período colonial; Arte do século XIX; Pintores dos anos 30; etc.
2. acervo — coleções específicas, científicas ou tecnológicas. Ex: Retrospectiva dos óleos pintados por Alfredo Andersen; O processo de moagem da cana de açúcar; Nunismática brasileira; etc.
3. personagem — evidencia personalidades. Ex: Santos Dumont; As obras do mestre Vitalino; Bento Munhoz da Rocha Netto, etc.

Convém salientar que os fatores acima citados, são recursos que visam facilitar e privilegiar o tema escolhido, não significando porém que, se a proposta da exposição for a CRONOLOGIA os demais fatores não estejam também incluídos, ou seja, a coleção do acervo e/ou os personagens envolvidos, podem fazer parte integrante da exposição cronológica.

Quanto ao tipo, uma exposição pode ser:

— PERMANENTE — Quando elaborada de forma a caracterizar o Museu em seus aspectos: histórico, artístico, arqueológico ou outros. O fato de ser considerada permanente não significa que não possa haver substituição ou mesmo introdução de novas peças. Este procedimento, além de promover um maior dinamismo à exposição permanente, favorece a conservação dos objetos expostos à luz constante e outros fatores prejudiciais em períodos prolongados.

— TEMPORÁRIA — É elaborada a partir de um tema determinado, ligado a cronologia, acervo e/ou personalidade. Tem duração aproximada de seis meses, com objetivo de dinamizar o acervo e informar o visitante. As exposições temporárias devem ocupar salas próprias, não devendo interferir na exposição permanente.

— **ITINERANTE** — Tem a característica de ser dinâmica, de fácil montagem e transporte, além da auto-sustentação. Geralmente é composta por painéis fotográficos e objetos selecionados do acervo, de forma a não sofrerem com as variações climáticas e o transporte constante. A própria itinerância sugere que o período da exposição não ultrapasse a um mês em cada local.

— **OCASIONAL** — É a exposição montada para comemorar algum evento específico e tem a duração aproximada de uma semana.

Como todas as coisas para serem bem feitas, requerem planejamento, a montagem de uma exposição exige um planejamento cuidadoso e antecipado, contendo o máximo de informações para a sua execução:

1. Elaborar um projeto contendo basicamente: tema, justificativa e objetivos. Sempre acompanhado de pesquisas sobre o tema e o acervo disponível, o projeto deve esboçar um cronograma das atividades a serem desenvolvidas.
2. Adequação do espaço físico destinado à distribuição das vitrines e painéis através da elaboração da planta baixa e complementada com o estudo da iluminação e das cores mais apropriadas.

O recurso da planta-baixa é usado com a finalidade de prever com exatidão a disposição do material de apoio e mobiliário que irão compor a sala de exposição, proporcionando uma visão exata das peças a serem utilizadas. Com o auxílio de uma folha grande de papel milimetrado e cartolinas, são definidos os espaços de portas e janelas, tomadas, interruptores, pontos de incidência de luz, assim como anotações das dimensões e características das estruturas de apoio e do mobiliário. Convencionando-se a escala de 1:50 (cada centímetro do papel equivale a 50 cm reais) é possível estabelecer graficamente todas as medidas em estudo. Na cartolina, acompanhando a mesma escala, risca-se e recorta-se os moldes das estruturas de apoio e do mobiliário em questão, podendo-se, desta maneira, analisar a disposição dos mesmos na sala já demarcada no papel milimetrado. Desta forma, obtém-se uma visão global do equilíbrio do conjunto a ser exposto, assim como a melhor circulação para os visitantes.

3. Seleção do acervo disponível na reserva técnica e complementação através de empréstimo de acervo de outras instituições ou mesmo de particulares.
4. Levantamento e seleção de meios auxiliares efetivos da exposição: iluminação artificial adequada, som ambiente, filmes ou slides, maquetes e dioramas.
5. Elaboração dos textos e diagramação dos mesmos, seleção e ampliação das fotografias, elaboração de catálogos descritivos, convites, cartazes e diagramação das etiquetas.
6. Montagem: Distribuição gráfica dos objetos na planta-baixa;
Limpeza das peças a serem expostas;
Aplicação dos revestimentos em vitrines e painéis, quando necessário;
Acomodação e etiquetagem das peças.

Cada exposição tem suas características próprias, e o material a ser utilizado para a montagem (fio de nylon, tesoura, pregos, martelo, chaves de fenda, flanela, fita-crepe, etc.), devem ser previstos e providenciados com antecedência, para evitar improvisações de última hora.

ESTRUTURAS DE APOIO

Chamamos de estruturas de apoio, as bases ou suportes sobre os quais são dispostos os objetos de uma exposição. Os variados tipos de coleções que compõem o acervo museológico, exigem diferentes tipos de estruturas de apoio que favoreçam suas características específicas permitindo, além de uma visualização correta, condições de segurança e proteção das peças.

A escolha da estrutura de apoio mais apropriada a uma determinada coleção será baseada nas características físicas de cada objeto, tais como: dimensões, fragilidade, material, preciosidade, ou ainda de acordo com o grau de destaque que se pretende evidenciar o objeto.

EXEMPLOS DE ESTRUTURAS DE APOIO:

1. Painéis.
2. Vitrines.
3. Módulos.

PAINÉIS

Os painéis são estruturas de apoio cuja finalidade é a fixação de objetos de pequena espessura que exijam uma leitura no plano vertical. É o caso de fotografias, textos, quadros e alguns objetos leves.

Os textos que acompanham a exposição devem ser sucintos, no máximo com 15 linhas, bem margeados nas extremidades e sem separação de sílabas. Letras grandes proporcionam maior legibilidade e despertam o interesse para o texto apresentado.

Fotografias, documentos reproduzidos, gravuras, desenhos, etc., devem ser dispostos seguindo um critério de alinhamento que proporcione unidade e equilíbrio visual. (Fig. 15/16/17 e 18). É aconselhável o uso de paspartour nas obras em papel ou similares, que além de fornecer um acabamento estético, também favorece a conservação, evitando danos no suporte original com a utilização de adesivos, tachas, etc.

O tamanho é um fator a ser considerado com atenção durante a distribuição das obras no painel. Fotos maiores, por exemplo, ficam melhor expostas nas áreas superior e inferior, enquanto que as menores ou com maior riqueza de detalhes devem estar colocadas à altura do campo de visão normal do visitante, ou seja, ao centro do painel.

É importante identificar cada objeto, através de etiquetas com informações precisas e curtas, em letras bem legíveis, ou ainda, em alguns casos, com pequenos números cuja correspondência se fará através de listagem ou catálogo que acompanha a mostra.

Em ambos os casos, as etiquetas devem ser colocadas ao lado direito inferior da peça, numa distância de aproximadamente 1,5cm em relação à mesma. Deve-se procurar manter uma linha uniforme, padronizando a distribuição das etiquetas, para que a interferência destas no contexto geral do painel seja a menor possível.

Dentro de uma mesma sala, os painéis devem ter a mesma cor e modelo, assim como a mesma altura.

TIPOLOGIA:

FIXOS: Costumam fazer parte da arquitetura do prédio, só podendo ser removidos alterando-se o aspecto físico das salas. Geralmente são encontrados em prédios criados para Museus e destinados a exposições permanentes.

SEMI-FIXOS: São aparentemente fixos, podendo ser removidos sem alterar o aspecto físico da sala. Geralmente em acrílico, estes painéis podem ser colocados nas laterais ou na parte central da sala, suspensos ou não. Possuem 2 faces separadas por tubos de alumínio de 15 cm, parafusados, permitindo o uso de prateleiras internas ou a fixação de objetos leves como artefatos e armaria indígena, entre outros. (Figuras 8 e 9).

REMOVÍVEIS: São estruturas que podem ser deslocadas com facilidade, permitindo uma série de variações dentro de um mesmo ambiente. Costumam ser pequenos e leves, próprios tanto para exposições permanentes como para temporárias e itinerantes. (Fig. 10/11/13).

Outra alternativa são os painéis-biombo, articulados por dobradiças, permitindo flexibilidade e apoio mesmo sem base. Existem diversas opções de estruturas e bases como as de madeira, alumínio, plástico e outros.

Os painéis removíveis podem ser duplos ou simples. Os duplos apresentam encaixes variáveis e contínuos (fig. 11); os simples, ou individuais, mantêm seu equilíbrio através de uma haste no sentido longitudinal, unindo suas extremidades. (fig. 13).

VITRINES

Vitrines são estruturas de apoio para coleções que necessitam ser expostas em plano horizontal, tais como os objetos tridimensionais que exigem maiores e melhores condições de proteção e segurança.

O efeito estético da colocação dos objetos depende, em grande parte, da maneira como sua natureza permita dispo-los adequadamente.

Não se recomenda utilizar uma mesma vitrine para objetos que não possuem relação entre si, tais como: livros e jóias, pratos e porcelanas, armas e tecidos; exceto se o objetivo da exposição for um tema específico para determinada vitrine, com um ponto de referência em comum, ainda que texturas diferentes.

Dentre os fatores que concorrem para que uma vitrine alcance seus objetivos, destacamos: visibilidade, simplicidade, unidade, composição e cor.

A atenção visual tende a fixar-se no centro do espaço abrangido pelo raio visual; assim sendo, os objetos menores devem ser colocados em primeiro plano e os maiores mais afastados.

Existem recursos para auxiliar a visualização, que são os SUPORTES, fabricados com materiais diversos, com a finalidade de sustentar os objetos ou ainda destacá-los na vitrine.

O movimento visual segue normalmente as seguintes direções: sentido horizontal, da esquerda para a direita e de cima para baixo.

As etiquetas de identificação dos objetos expostos, com legenda ou numeradas, devem ser colocadas ao lado direito-inferior da peça, sempre buscando o

alinhamento uniforme. Nunca em cima das mesmas.

TIPOLOGIA:

FIXAS: Como os painéis, geralmente fazem parte da arquitetura do prédio, só podendo ser removidas alterando o aspecto físico das salas. Se apresentam na forma de tablados, bancadas, nichos e vitrines embutidas, entre outros.

SEMI-FIXAS: Aparentemente fixas, podem ser removidas sem alteração no aspecto físico da sala. São mais usadas em exposições permanentes e casualmente nas temporárias, pois as montagens são mais sofisticadas e não são removidas com facilidade. Podem ser adaptadas para objetos de porte variado, sem com isso forçar a inclinação do visitante. (Fig. 5, 6, 7).

REMOVÍVEIS: Podem ser deslocadas com facilidade, permitindo uma série de variações dentro do mesmo ambiente. Sua versatilidade permite o uso em exposições temporárias e itinerantes. (Fig. 1, 2 e 2'). Este tipo de vitrine favorece a visualização do objeto em vários ângulos, através da possibilidade de circulação ao seu redor.

A redoma de acrílico, geralmente utilizada para exposição de indumentária, deve ter a base com lâmina de cedro, por ser mais resistente ao ataque de microorganismos. Possibilita a utilização de manequins ou suporte de cabine de pé e ainda ganchos na parte superior para sustentar o acervo a ser exposto. (Fig. 4).

AMBIENTE: A própria ambientação da sala pode ser utilizada como estrutura de apoio, ou seja, mobiliário ou esculturas de grande porte, quando colocados em locais adequados, criam a atmosfera expositiva a que se destinam. De preferência, o piso deve ser em cor neutra, impermeável e de fácil limpeza.

Exposto desta forma, o mobiliário deve reconstruir sua época e a finalidade original. Os objetos expostos em sua superfície devem, portanto, pertencer ao mesmo período assim como equivaler ao uso. Ex.: Não se expõe talheres sobre uma escrivaninha.

MÓDULOS

Na forma de cubos móveis, geralmente em madeira pintada ou revestida, os módulos devem ser proporcionais às peças que suportam, criando a impressão de estabilidade e harmonia. Objetos pequenos e com maior riqueza de detalhes devem ser expostos em módulos mais altos; os objetos de maior altura, devem estar sobre módulos mais baixos.

São utilizados geralmente para um acervo que dispense condições de extrema segurança, como cestarias, cerâmicas, objetos pesados e outros. Como recursos de segurança, as peças podem ser ligadas entre si por fio de nylon transparente, ou ainda, separadas por um cordão de isolamento. Este último recurso só deve ser adotado em casos de extrema necessidade de proteção da peça, seja por seu valor intrínseco ou por sua fragilidade.

MATERIAIS UTILIZADOS NA CONFEÇÃO DAS ESTRUTURAS DE APOIO

ACRÍLICO TRANSPARENTE: Apesar de ser um material relativamente caro, o acrílico ainda é adotado em grande escala na confecção de tampos de vitrines e painéis, graças a sua leveza e transparência, maleabilidade e facilidade de perfuração para montagem de acessórios como prateleiras, ganchos e suportes de objetos, entre outros.

Com o uso constante e prolongado, o acrílico tende a tornar-se opaco, o que pode ser amenizado com um polimento adequado. O seu alto índice de refração à luz, que interfere na visualização do objeto exposto em seu interior, pode ser corrigido com iluminação indireta.

A manutenção do acrílico é feita com água e sabão neutro, e em seguida, polido com uma flanela macia ou tecido de algodão. A utilização do álcool é desaconselhável, pois provoca condensação no material, tornando-o opaco. Resíduos de cola de etiquetas ou adesivos comuns, são facilmente removidos com varsol.

VIDRO: A utilização de vidros nas estruturas de apoio são menos frequentes, devido ao seu peso e fragilidade. O vidro comum é inadequado para maquetes ou tampos de grandes dimensões; neste caso, o temperado é mais indicado por apresentar maior resistência e menor distorção de superfície, o que implica, entretanto, num custo bastante elevado.

A impossibilidade de perfuração limita seu uso em tampos de vitrine, sendo possível sua articulação apenas através de dobradiças e esquadrias em todos os ângulos.

O vidro é um material de fácil limpeza, e empregado como prateleiras, ou em superfícies de pequena dimensão, apresenta vantagens de durabilidade e visualização.

MADEIRA: É um material bastante empregado na confecção de estruturas de apoio, na forma de módulos, pedestais, painéis, bases e estruturas de vitrines ou elementos de sustentação de objetos.

A escolha da madeira é fundamental para a preservação, tanto das próprias estruturas de apoio, como para o acervo do Museu. Madeiras inferiores empenam e são facilmente vítimas do ataque de insetos xilófagos (cupim, dentre outros), que se propagam rapidamente para os demais objetos.

As mais indicadas são a imbuia, a canela e a cerejeira, previamente tratadas e imunizadas. Deve-se evitar o uso do carvalho que exala ácido acético, correndo metais como o estanho e o chumbo.

AGLOMERADO: É de qualidade inferior, exigindo cuidados constantes na sua conservação. Pode ser usado em módulos e bases de vitrines, e tem a vantagem do baixo custo e pouco peso.

ILUMINAÇÃO

A iluminação numa exposição deve ser feita levando-se em conta a luz natural e artificial, sempre com o cuidado da preservação dos objetos expostos, assim como permitir uma boa visão aos expectadores.

Os problemas acarretados pela luz, nos objetos de uma exposição, podem ser reduzidos, levando-se em conta dois fatores:

1. Eliminando a radiação ultravioleta (UV).

Todas as fontes de luz branca emitem radiação UV, mas a luz do dia é a mais forte emissora destes raios. Os danos causados pela UV e pela luz natural são comparáveis. Existem métodos para eliminar ou reduzir a radiação UV, que consistem em interpor uma película plástica (verniz especial) entre a fonte de luz e o objeto a ser protegido, ou ainda a utilização de filtros para lâmpadas fluorescentes. (As mais indicadas são turbo Philips 37 e 27).

2. Reduzindo a iluminância até alcançar o ponto mínimo que permita uma boa visão.

O objeto exposto deve receber o mínimo de iluminância possível, sem interferir na visualização: cortinas e o sistema de rodízio (exposição \leftrightarrow reserva técnica), assim como manter as luzes apagadas no período em que o Museu estiver fechado.

Manuscritos iluminados e livros abertos não devem ser expostos por períodos prolongados de tempo.

Existem aparelhos medidores de iluminância e proporção de irradiação, geralmente de alto custo, mas de grande auxílio na conservação dos bens culturais.

CONTROLE DE ILUMINAÇÃO

1. Deve-se evitar, na montagem de uma exposição, o RESPLENDOR (brilho com reflexo): uma visão confortável depende muito mais da ausência de reflexo que da quantidade de iluminância. Paredes brilhantemente iluminadas ou uma quantidade de luz atrás do observador dificultam a visão das pinturas lustrosas e dos objetos que se encontram dentro das vitrines.

2. Reduzir a penetração de luz natural, suplementando com iluminação artificial.

3. As áreas vizinhas ao objeto exposto, não devem receber uma iluminação acentuadamente maior ou menor. As melhores condições são dadas por uma ambientação da sala em tons similares e harmônicos aos da própria exposição (objetos expostos).

O sistema de spots sobre trilhos é bastante usado atualmente, neste caso, trabalhar com um medidor de luz é fundamental, afim de prevenir concentrações excessivas de luz dirigida.

4. Deve-se estar atento ao calor oriundo da luz. Focos de luz dirigida para um objeto certamente causará um aumento de temperatura superior a do ambiente, provocando riscos de rachadura e empenamento.

LUZ NATURAL:

Deve-se evitar a incidência da luz diretamente sobre o acervo, uma vez que esta deteriora o objeto alterando a cor e a resistência das texturas.

LUZ ARTIFICIAL:

Quando dirigida sobre o acervo causa amarelecimento nos papéis e tecidos, além do ressecamento das fibras naturais, produzindo o craquelê nas obras expostas.

Para uma iluminação ideal convém usar a luz natural, e a artificial para se evitar as sombras e reflexos. O tipo de lâmpada que possui menor radiação ultra-violeta é a TURBO PHILIPS 37 e 27, que não esquenta muito e por isso é menos prejudicial ao acervo.

O USO DA COR

A cor escolhida para compor uma exposição, deve ser a mesma em todas as estruturas de apoio que componham um mesmo ambiente.

É importante lembrar que as cores dão sensações diferentes, podendo também disfarçar alguns defeitos das paredes e/ou estruturas de apoio.

O branco dá a sensação de amplitude ao ambiente e ainda destaca os objetos escuros aumentando também o grau de iluminação da sala.

O preto, assim como as demais cores escuras, destaca os objetos, principalmente os metais. Diminui a refração da luz e produz ótimo efeito em Paspatour nas fotos, desenhos e demais trabalhos sobre papel.

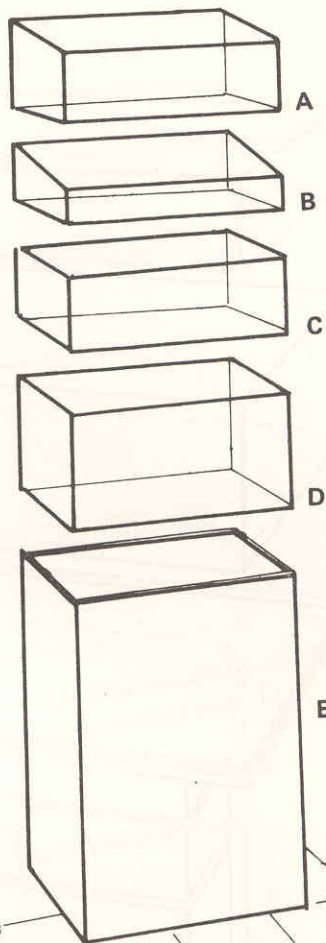


FIGURA 01 : Vitrines Removíveis

TAMPAS : A, B, C, D

MATERIAL : Acrílico

METRAGEM: Comp. x Larg. 0,60 x 0,60 m

Altura A : 0,18 x 0,25 m

Altura B : 0,09 x 0,16 m

Altura C : 0,20 m

Altura D : 0,30 m

BASE "E"

MATERIAL : Madeira aglomerada + esquadria de alumínio

METRAGEM: Comp. x Larg. 0,60 x 0,60 m

Altura: 0,90 m

OBSERVAÇÕES:

Vitrine A : Possui o tampo inclinado para documentos volumosos

Vitrine B : Para documentos de pequeno volume, perfeitamente adaptada a exposições de filatelia e numismática.

Vitrine C : Para peças diversas com volume variado de 0,09 a 0,17 m de altura.

Vitrine D : Para peças um pouco mais volumosas como louças e pratarias.

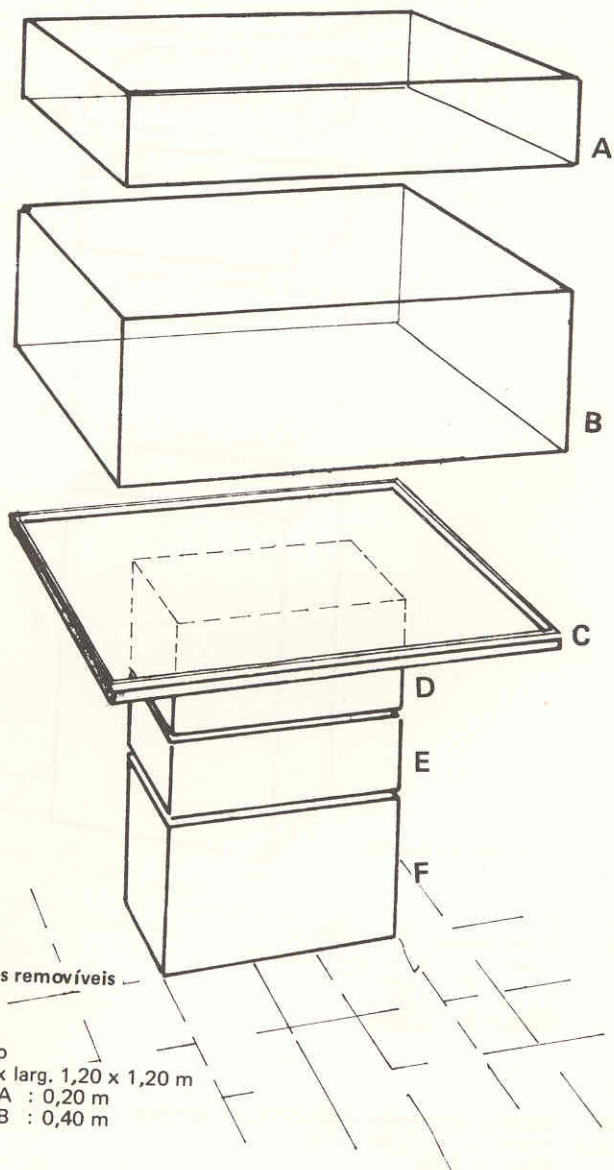


FIGURA 02 : Vitrines removíveis

TAMPA : A e B
MATERIAL : Acrílico
METRAGEM: comp. x larg. 1,20 x 1,20 m
 Altura A : 0,20 m
 Altura B : 0,40 m

BASE "C"

MATERIAL : madeira aglomerada
METRAGEM: 1,20 x 1,20 m
MÓDULOS : D, E, F:
MATERIAL : madeira aglomerada
METRAGEM: comp. x larg. 0,60 x 0,60 m
 Altura D : 0,30 m
 Altura E : 0,20 m
 Altura F : 0,40 m

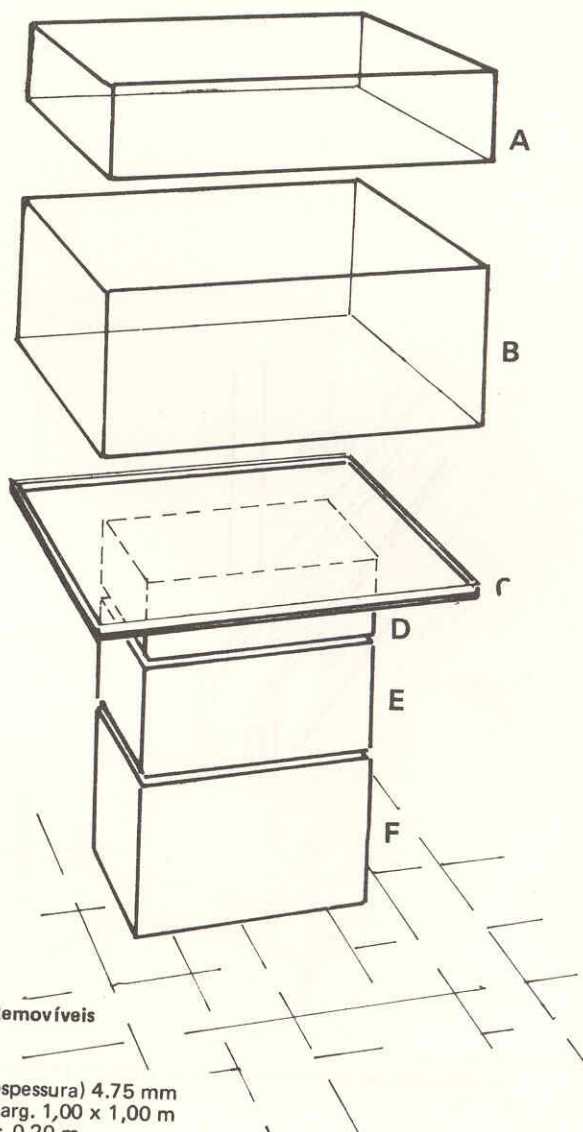


FIGURA 02': Vitrines Removíveis

TAMPAS : A e B
MATERIAL : Acrílico (espessura) 4,75 mm
METRAGEM: Comp. x Larg. 1,00 x 1,00 m
 Altura A : 0,20 m
 Altura B : 0,40 m

BASE "C"
MATERIAL : madeira aglomerada + esquadria de alumínio de 20 mm
MÓDULOS : D, E, F
MATERIAL : madeira aglomerada
METRAGEM: comp. x larg. 0,60 x 0,60 m
 Altura D : 0,20 m
 Altura E : 0,30 m
 Altura F : 0,40 m

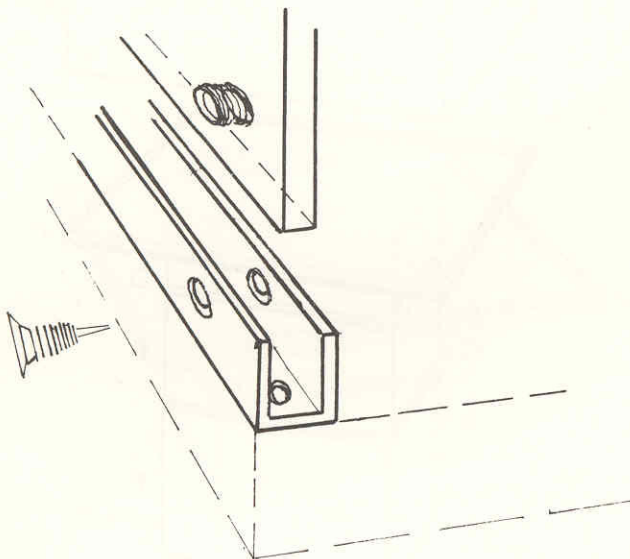


FIGURA 03 - DETALHE

Da esquadria de alumínio fixada no módulo para encaixe e aparafusamento do acrílico.

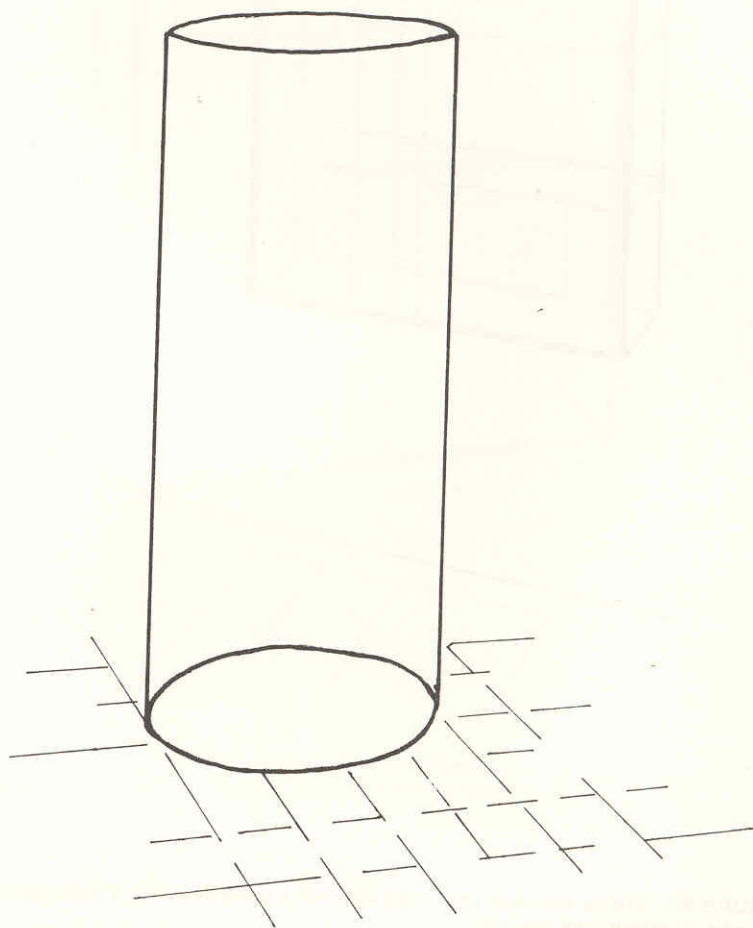


FIGURA 4 : Redoma em acrílico totalmente fechada

METRAGEM: Diâmetro - 0,80 m
Altura - 1,95 m
Espessura do acrílico - 4,75 mm

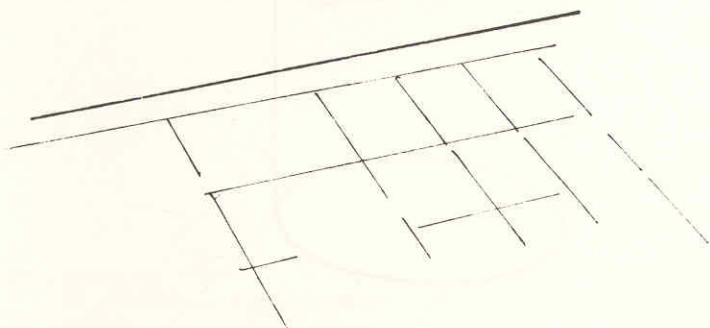
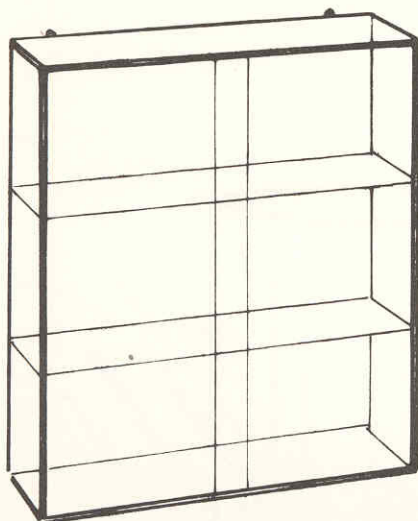


FIGURA 05 : Vitrine semi-fixa com vidro de 6 mm e porta de correr. Fundo opcional de madeira ou vidro e cadeado tipo morcego.

METRAGEM: Larg. 25 cm ou 40cm (opcional)

Altura: 1,30m

Comp.: 1,00m

ESPAÇO ENTRE PRATELEIRAS — A : 0,40m

B : 0,40m

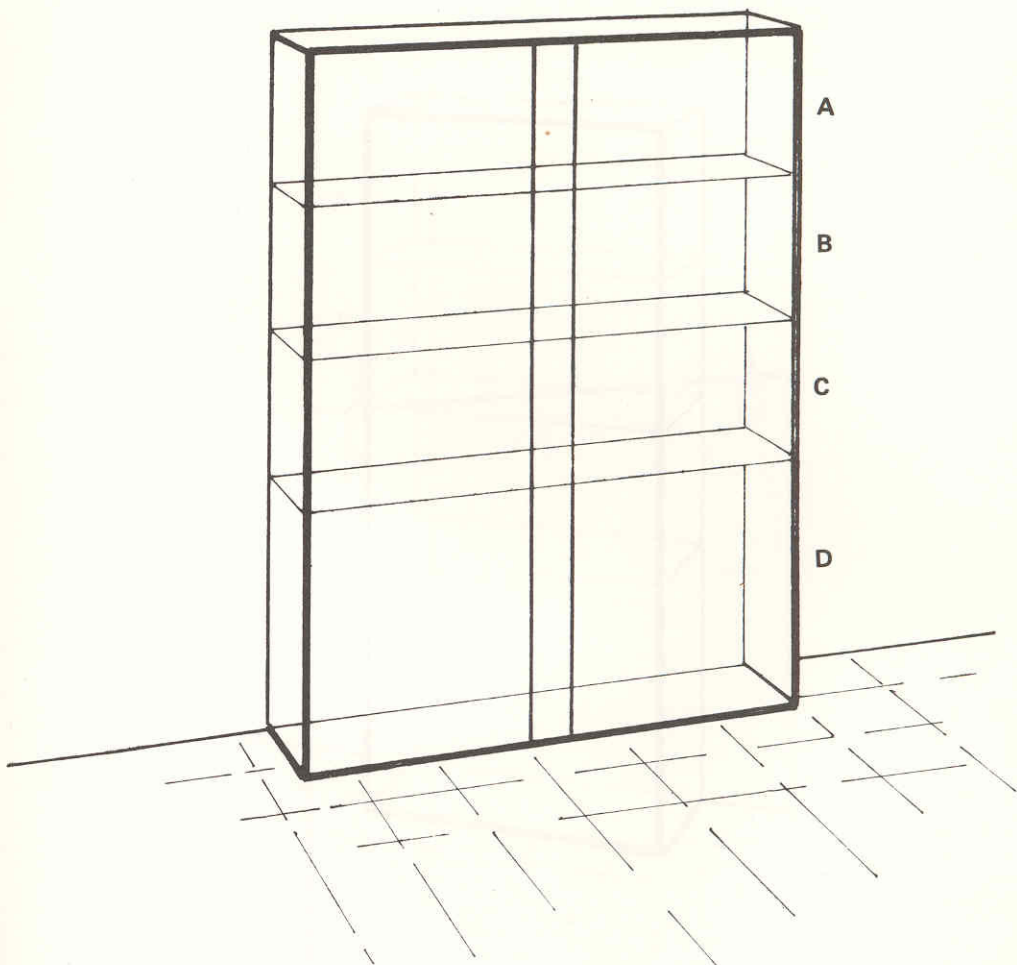


FIGURA 06 - Vitrine semi-fixa com vidro de 6mm e porta de correr.
Fundo opcional de madeira ou vidro e cadeado tipo morcego.

METRAGEM: Larg. 0,25 m ou 0,40 m (opcional)
Altura : 1,90 m
Comp.: 1,30 m

ESPAÇO ENTRE PRATELEIRAS - A : 0,40 m
B : 0,40 m
C : 0,40 m
D : 0,70 m

OBSERVAÇÃO: Vitrine adaptada para objetos de porte variado. Note-se que o espaço D seria para objetos maiores, sem detalhes que forcem a inclinação do visitante.

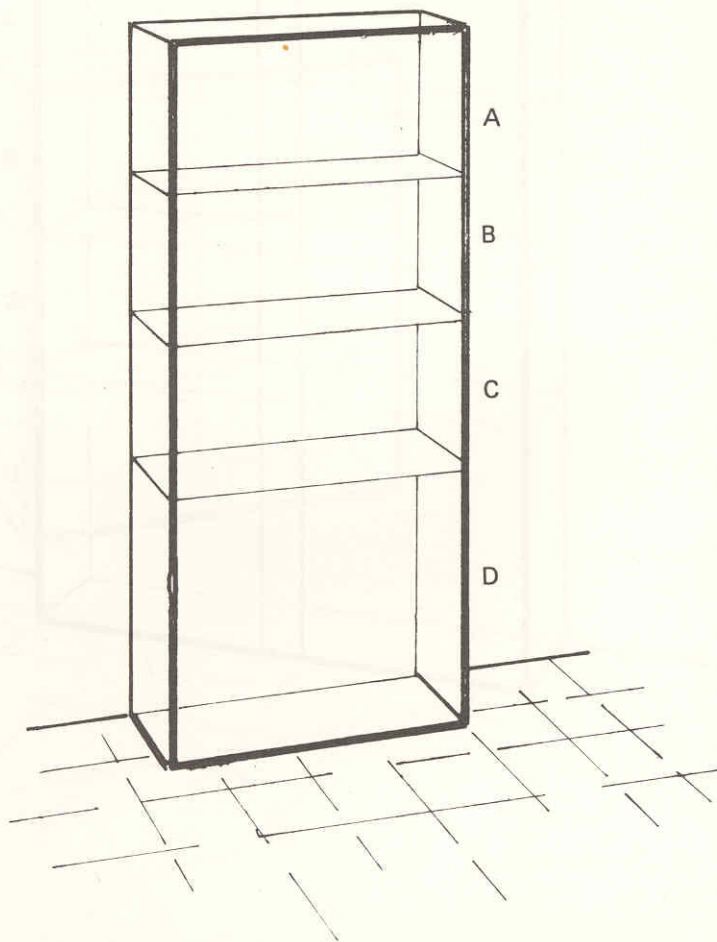


FIGURA 07 : Vitrine semi-fixa com vidro de 6mm e porta com abertura lateral, com fechadura, e estrutura de alumínio 20mm. Fundo opcional de madeira ou vidro.

METRAGEM:

METRAGEM: Larg. 0,25 m ou 0,40 m (opcional)
 Comp. 0,80 m
 Altura - 1,90 m

ESPAÇO ENTRE PRATELEIRAS: A : 0,40 m
 B : 0,40 m
 C : 0,40m
 D : 0,70 m

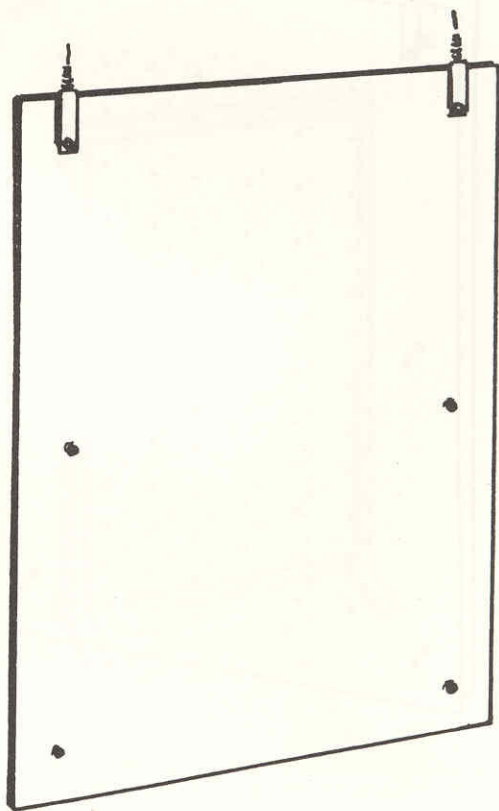


FIGURA 08 : Painel semi-fixo em acrílico com duas faces para suspensão.

METRAGEM: Comp. : 1.30 m
Alt. : 1.85 m
Espessura : 4.75 mm (cada chapa)

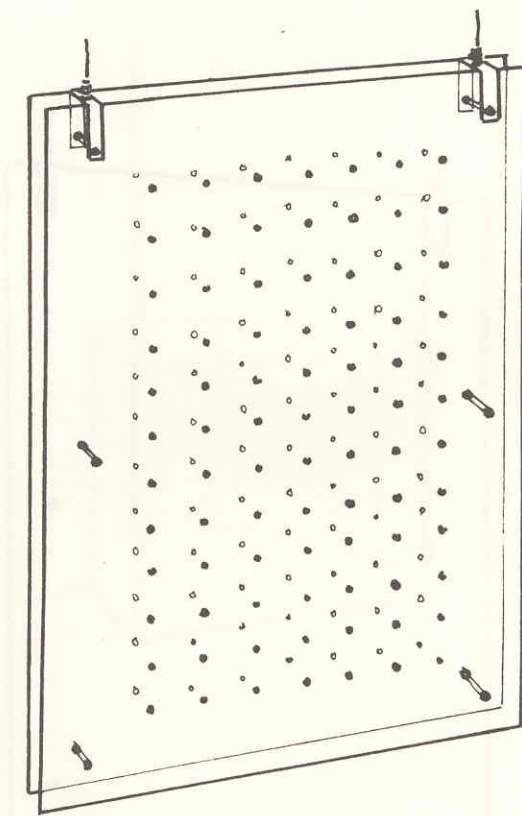


FIGURA 09 : Painel semi-fixo em acrílico com duas faces para suspensão.

METRAGEM: Comp. : 1,30 m
Alt. : 1,85 m
Espes. : 4,75 mm

OBSERVAÇÃO: Pode ser de uso lateral ou central, separados por tubos de alumínio de 15 cm e aparafusados, este painel permite o uso de prateleiras internas ou a fixação de objetos leves como artefatos e armaria indígena entre outros.

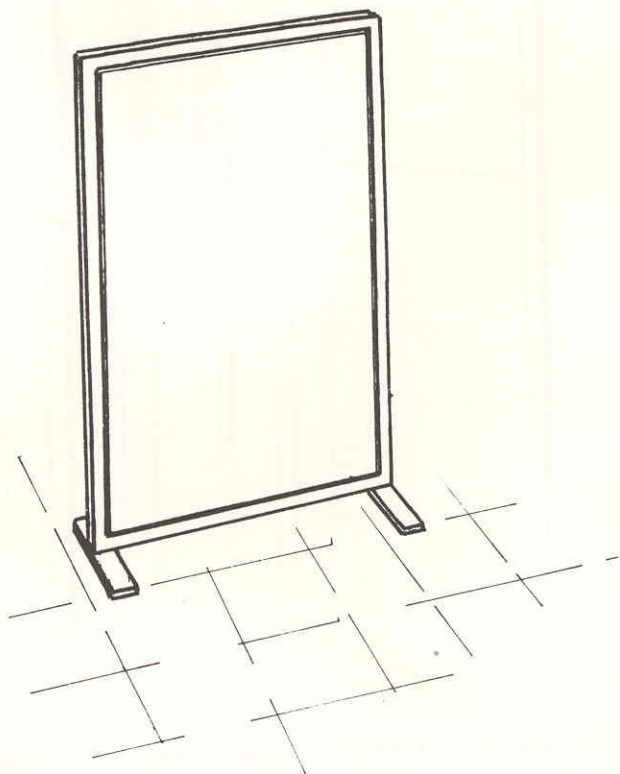


FIGURA 10: Painel removível de face única em madeira e vidro.

METRAGEM: Larg. : 0,80 m
Alt. : 1,30 m
Espes. : 0,05 m

OBSERVAÇÃO: Este tipo é bem empregado para a divulgação de eventos internos do Museu.

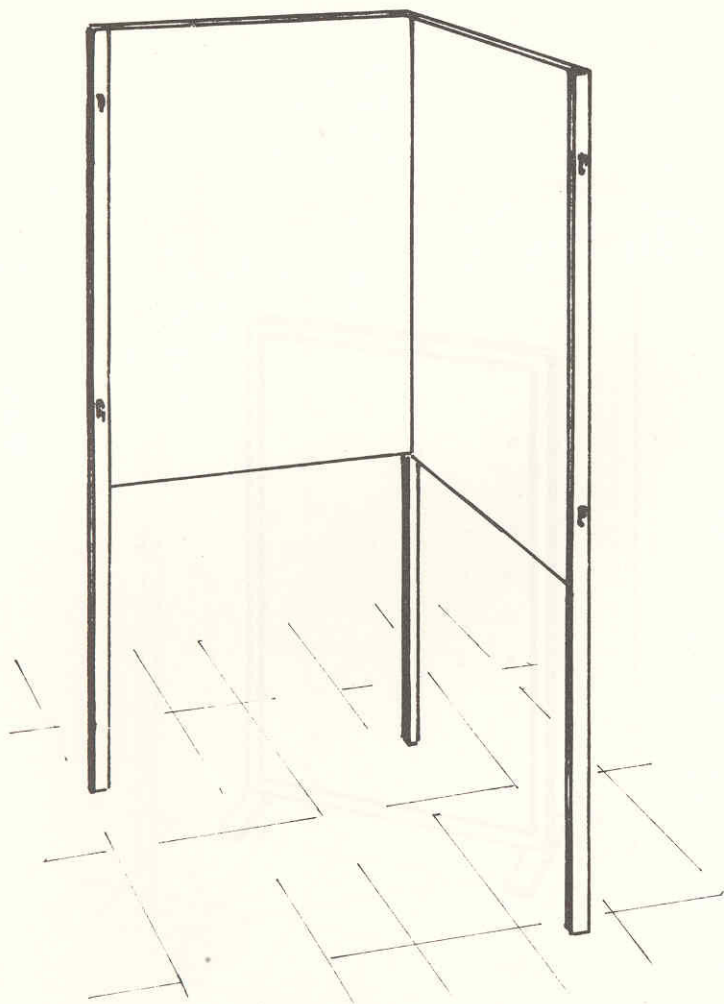


FIGURA 11 : Painel duplo e removível em madeira e estrutura de alumínio.

METRAGEM DA CHAPA : Larg. : 0,80 m
Alt. : 1,20 m
Espes. : 0,30 m

ESTRUTURA: Altura : 2.00m
Base quadrada: 0,04 m

OBSERVAÇÃO: Painel para exposições temporárias e itinerantes oferecendo bom equilíbrio na sua estrutura com encaixe variável e contínuo dos painéis.

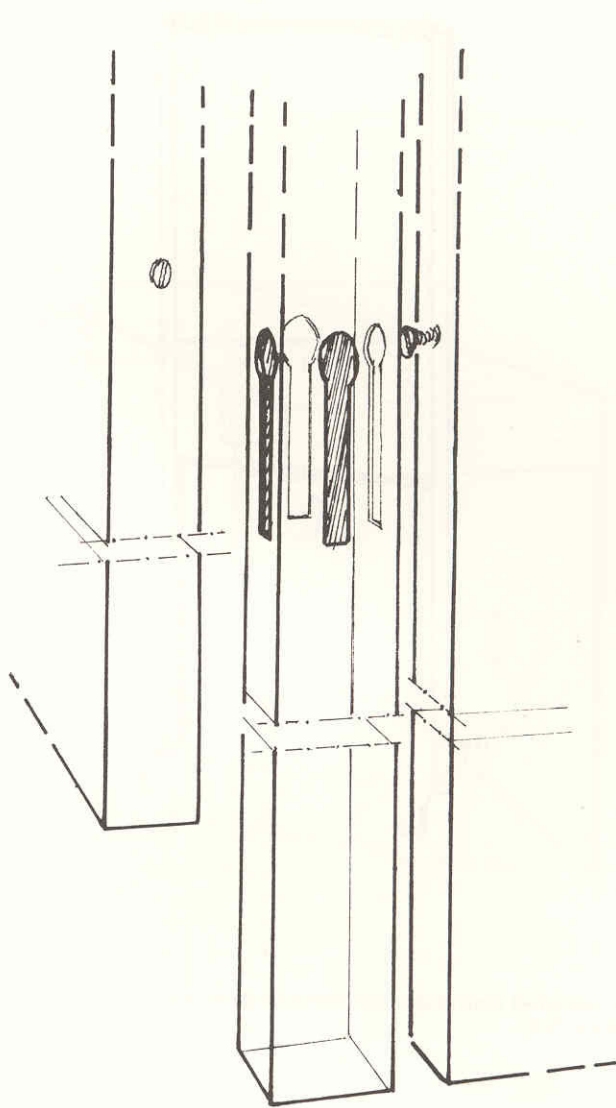


FIGURA 12 : Detalhe do painel anterior, encaixe de duas chapas entre a estrutura de alumínio.

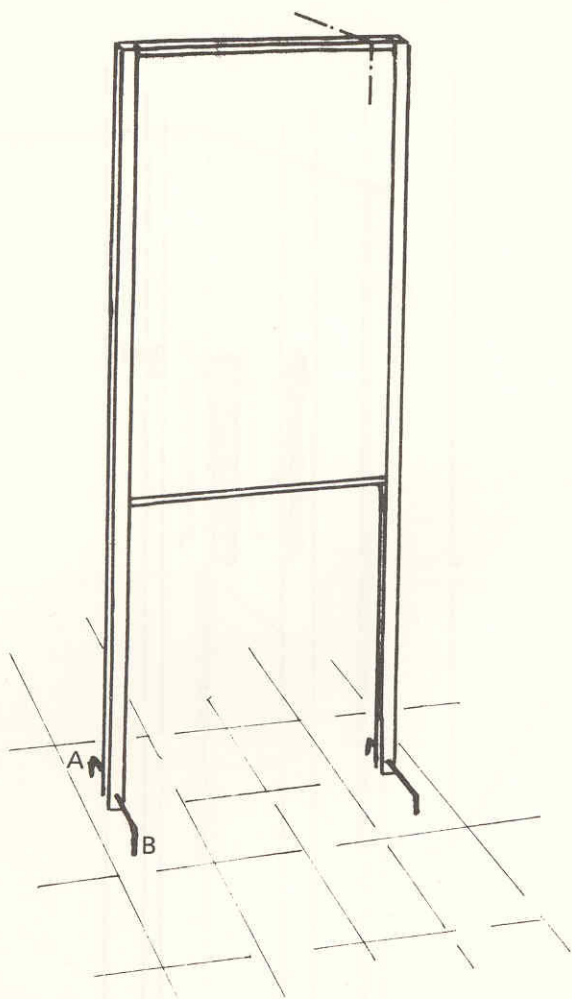


FIGURA 13 : Painel removível individual, com estrutura de alumínio, chapa de madeira e vidro com dupla face.

METRAGEM:

CHAPA: Larg. : 0,70 m
Alt. : 1,20 m
Espes. : 0,03 m

ESTRUTURA : Alt. : 2,00 m
Base quadrada: 0,04 m

SAPATAS: 20 cm (A+B)

OBSERVAÇÃO: Painel bem adaptado a exposições itinerantes e temporárias, devido a fácil montagem.
As sapatas devem ser atravessadas com 20 cm no total da peça de ferro redondo e pintado com diâmetro de 0,02 m

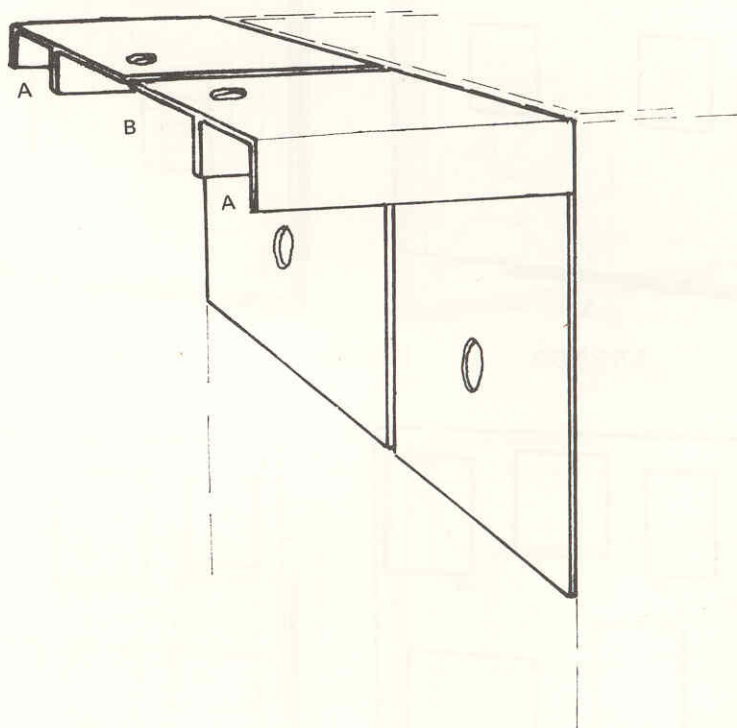
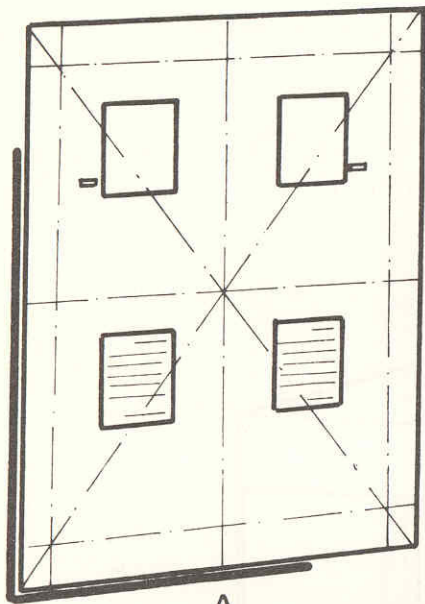


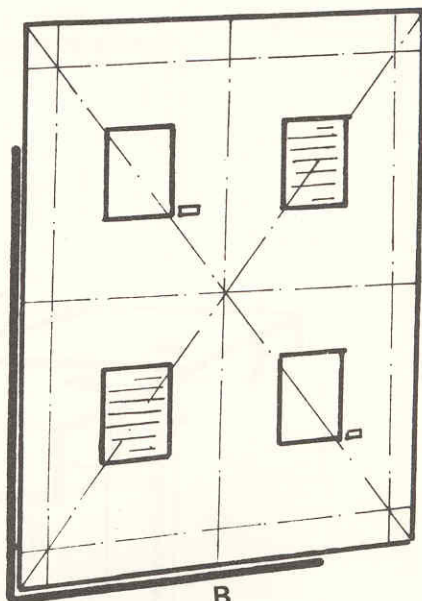
FIGURA 14 - Detalhe da Figura 13, encaixe para a estrutura do painel.

- A, A - encaixe para vidro
- B - encaixe para chapa de madeira.



A

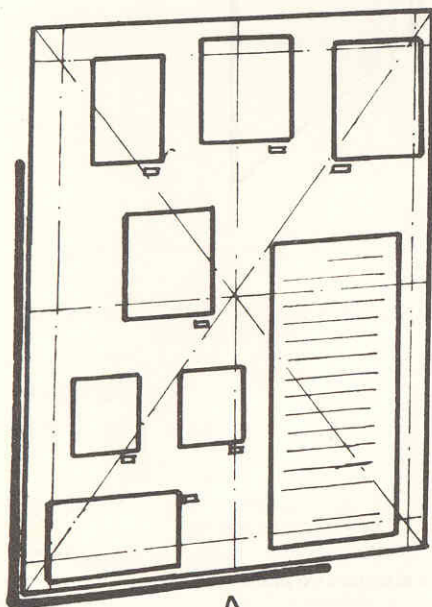
ERRADO



B

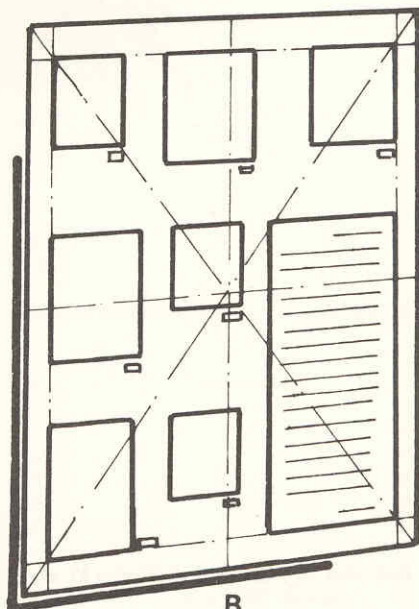
CERTO

FIGURA 15



A

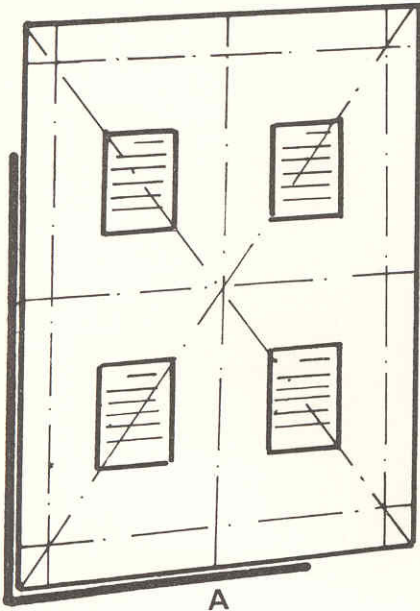
ERRADO



B

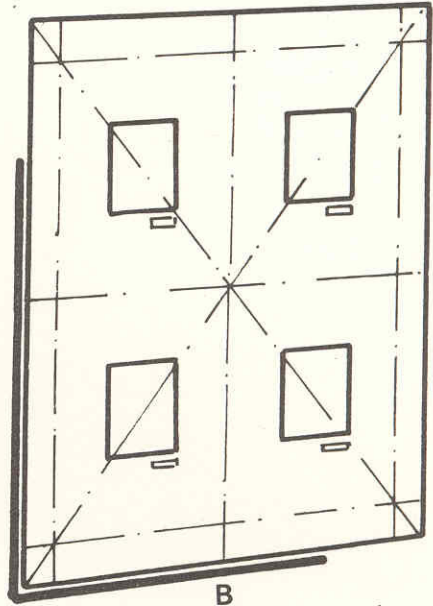
CERTO

FIGURA 16



A

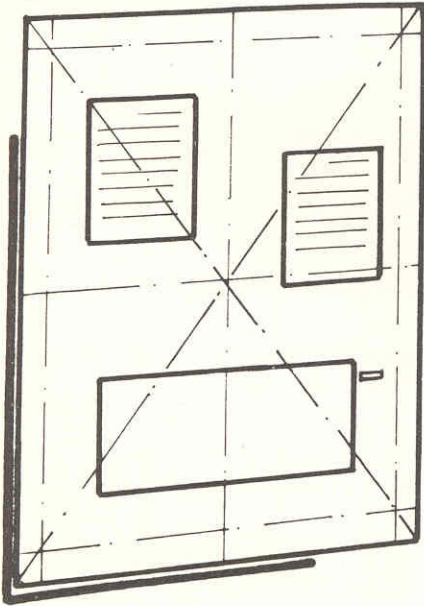
ERRADO



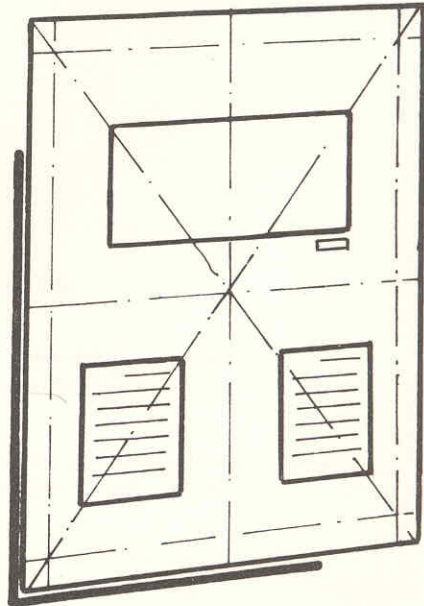
B

CERTO

FIGURA 17



ERRADO



CERTO

FIGURA 18